

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FEMININO NA OBRA *A FERRO E FOGO I* DE JOSUÉ GUIMARÃES

Lauren Cavichioli Quissini
Mestranda em História
Universidade de Passo Fundo (UPF)
E-mail: lauren.quiss@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as representações sociais da mulher a partir de personagens femininos na obra *A ferro e fogo I*: tempo de solidão, de Josué Guimarães. Justifica-se tal investigação pois, a maioria dos trabalhos realizados acerca dessa obra, são originários da área da Letras e Literatura, percebendo uma lacuna ante o olhar histórico sobre esta. Metodologicamente utilizou-se da análise de discurso e conteúdo, por meio de uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, refletindo-se as categorias de estrutura familiar, representação da mulher, conservadorismo e submissão feminina presentes na narrativa. Permite-se concluir, que o escritor Josué Guimarães representou as mulheres rebeldes, principalmente, a imigrante Catarina e as prostitutas de Porto Alegre. Para além dessas, o escritor representou as mulheres de elite, com sua submissão explícita, também as escravas, as parteiras e as indígenas. A discussão e a ampliação de estudos sobre a formação da sociedade sul-rio-grandense, mostram-se necessários para a compreensão dessa região, visto que, muitos elementos ainda se fazem presentes na atualidade do Rio Grande do Sul.

Palavras-Chave: Mulheres no Rio Grande do Sul. Josué Guimarães. Representações femininas.

INTRODUÇÃO

O início da colonização alemã no Rio Grande do Sul, teve como marco, o ano de 1824, com a chegada de 38 imigrantes às terras da Real Feitoria do Linho Cânhamo, denominada, posteriormente, de São Leopoldo. Até 1850, a imigração alemã parece ter sido bastante irregular, apresentando oscilações numéricas, as quais resultaram numa maior leva entre 1824-1830 e uma menor quantidade entre 1847-1854. Sobretudo, o recrutamento de contingentes agricultores para as colônias sulinas, coube ao major Jorge Antônio Schaeffer, que amparando seu trabalho sob o nome de “colonização”, recrutava soldados para formar batalhões de estrangeiros para o I Império (DACANAL; GONZAGA, 1980).

Inseridas dentro da lógica da colonização, as mulheres tiveram importantes papéis sociais, fossem elas: imigrantes que junto de seus maridos trabalharam na “roça”; domésticas que cuidaram dos filhos e da casa; as escravas que trabalharam para seus

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

amos; as parceiras que não tiveram hora para o trabalho; as prostitutas e cafetinas do mundo urbano, ou até mesmo as ricas donzelas. As representações sociais dessas mulheres, possibilitaram construir narrativas históricas por meio da literatura, a qual realizando um diálogo interdisciplinar entre as duas áreas do conhecimento: História e Literatura, concedem o aporte para investigar o papel das mulheres na sociedade sulista do Rio Grande do Sul.

Trazendo para a narrativa ficcional presente no livro *A ferro e fogo I: tempo de solidão*¹, de Josué Guimarães², os principais protagonistas são integrantes da família Schneider, destinada à Real Feitoria do Linha Cânhamo no Faxinal da Courita, hoje, São Leopoldo. O autor, ao narrar os acontecimentos da colonização alemã no século XIX, desde a instalação em terras sulinas, aos enganos e privações a que os imigrantes ficaram sujeitos, vivenciando também a Guerra Cisplatina (1825-1828), escolheu como representação da ficção, a família Schneider, contemplada por Catarina Schneider, Daniel Abrahão e seus quatro filhos, respectivamente: Philipp, Carlota, Mateus e João Jorge. Intercalando com a citada família, a narrativa sobre a representação do período também é composta pela família de Gründling, o aliciador de colonos, formada por sua esposa Sophia Spannenberger e os dois filhos do casal, Jorge Antônio e Albino, situados em Porto Alegre-RS.

O artigo apresenta, num primeiro momento, a introdução seguida pelos aspectos metodológicos e uma breve discussão acerca da interdisciplinaridade entre História e Literatura. Posteriormente, são abordados os aspectos metodológicos utilizados como base para a investigação na literatura acerca das representações femininas, teorizando o conceito de representação, visando a compreensão significativa da obra analisada. Segue

¹ A obra *A ferro e fogo I: tempo de solidão*, constitui-se como o primeiro romance publicado pelo autor em 1972. Esta obra, faz parte de uma trilogia inacabada, composta por: *A ferro e fogo I: tempo de solidão* e *A ferro e fogo II: tempo de guerra*, somado ao último volume: *Tempo de Angústia*- abordaria a história dos Muckers- denominação de um grupo de fanáticos religiosos que viveu em São Leopoldo, numa localidade denominada Ferrabraz. Eles foram protagonistas de uma revolta que ocorreu a partir de 1868 (KUNZ; WEBER, 2012), o qual já esquematizado pelo autor, não pode ser concluído. Esse conjunto de obras, representam para além de sua obra prima, a composição de romances históricos clássicos da literatura brasileira.

² Josué Marques Guimarães (1921-1986) era natural de São Jerônimo, município localizado no sul do Rio Grande do Sul. Em sua vida, Guimarães exerceu muitas funções, entre elas, a de político pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); jornalista de grande destaque, produtor de romances, novelas, coletâneas de artigos e de contos, literatura infantil e etc. Depois de Érico Veríssimo o autor é, sem dúvida, o escritor mais importante da história recente do Rio Grande do Sul e um dos mais influentes e importantes do país (*A ferro e fogo I*, 1972, p. 227).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

com as análises das representações sociais femininas, a partir das categorias selecionadas para tal, versando sobre a imigrante Catarina, depois, a mulher de elite encontrada em Sofia; as prostitutas e, por último, as parteiras. Por fim, traz algumas considerações pertinentes ao assunto.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Elegeram-se, aqui, como tema de estudos, a obra *A ferro e fogo I: tempo de solidão*, de Josué Guimarães, escrita e publicada na década de 1970. O critério para a seleção do tema, adveio da constatação de que a maioria dos trabalhos realizados acerca dessa obra originam-se da área da Letras e da Literatura, visualizando-se uma lacuna do olhar histórico sobre o tema. A pesquisa tecida é, portanto, resultado de uma pesquisa de conclusão de curso, realizada na graduação. Diante disso, o tema carrega consigo grande viabilidade para a realização de novas pesquisas, tendo destaque para o fácil acesso à obra e, a disposição muitos materiais para compor a exploração do estudo.

Dito isto, a pesquisa apoiou-se na modalidade da análise de discurso e conteúdo, buscando a sua construção por intermédio das categorias de estrutura familiar, representação da mulher, conservadorismo e submissão feminina. A análise de discurso é utilizável para estudar as formas de fala e textos, seja quando é apresentado como material de entrevistas ou textos escritos de todo tipo. No entanto, é importante esclarecer que não existe etapas e procedimentos específicos para analisar textos, mas sim, algumas opções orientativas que são capazes de fornecer compreensões acerca do objeto estudado. Para Rosalind Gill (2008):

Os analistas de discurso, ao mesmo tempo em que examinam a maneira como a linguagem é empregada, devem também estar sensíveis àquilo que não é dito aos silêncios. Isso, por sua vez, exige uma consciência aprimorada das tendências e contextos sociais, políticos, culturais aos quais os textos se referem (GILL, 2008, p. 255).

Além dos apontamentos apresentados acima, como a atenção para com os silêncios e os contextos sociais a que se inserem os discursos, Gill (2008) ressalta a essencialidade em pensar a análise em duas frentes. A primeira se refere a procurar um padrão nos dados levantados, o que resultará em mostrar formas, se houver, nas diferenças ou consistência entre as narrações. Em segundo lugar, cabe ao analista, realizar o levantamento de hipóteses sobre as narrações observadas, o que exigirá rigor a fim de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

produzir um sentido para os textos, mesmo quando inseridos em confusões fragmentadas e contraditórias.

Nesse sentido, a investigação é de abordagem qualitativa e interdisciplinar, pois segundo Chizzotti (2010, p. 26-28),

as pesquisas qualitativas, por outro lado, não têm um padrão único porque admitem que a realidade é fluente e contraditória e os processos de investigação dependem do pesquisador - sua concepção, seus valores, seus objetivos [...]. O pesquisador supõe que o mundo deriva da compreensão que as pessoas constroem no contato com a realidade nas diferentes interações humanas e sociais [...].

Abrangendo os campos tanto da História como da Literatura, esta abordagem trabalha no sentido de compreender, que as narrativas sendo históricas, literárias ou outras, constroem uma representação acerca da realidade. Sobretudo, o conceito de representação, segundo Sandra Pesavento (2006, p. 49), diz respeito a representações de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento. A partir dessa simples explicação do conceito, pode-se imaginar o grau de complexidade que está incutido para se explicar uma definição sobre tal.

Para Makowiecky (2003, p. 4), utilizando as palavras de Chartier (1990, p. 108), diz que a literatura, por exemplo, é representação porque é o produto de uma prática simbólica que se transforma em outras representações. O mesmo serve para as artes plásticas, que é representação porque é o produto de uma prática simbólica. Portanto, um fato nunca é somente o fato. A representação é uma referência e temos de tomar conhecimento sobre ela, para nos aproximarmos do fato. A representação do real, ou o imaginário, é em si mesmo, elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo.

Desse modo, é preciso perceber a produção e a recepção dos textos, entendendo que a escrita, a linguagem e a leitura são indivisíveis e estão contidas no texto, que é uma instância intermediária entre o produtor e o receptor, articuladora da comunicação e da veiculação das representações. As práticas da leitura, assim, têm por objetivo identificar, para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler, as quais dão formas e sentidos aos gestos individuais, e que colocam no centro da sua interrogação os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

processos, pelos quais, face a um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação (CHARTIER, 2002, p. 121).

A partir desses pressupostos, ao produzir a elaboração do conhecimento histórico, faz-se necessário considerar uma tríade composta pela escrita, texto e leitura. No que se refere à instância da escrita ou produção do texto, o historiador volta-se para saber sobre quem fala, de onde fala e que linguagem usa. Já ao focar o texto em si, o que se fala e como se fala são questões indispensáveis. No trato da recepção, visa abordar a leitura de um determinado receptor/leitor ou de um grupo de receptores/leitores, tratando das expectativas de quem recebe o texto, de sua contemplação, seu enfrentamento ou resistência a ele (PESAVENTO, 2004, p. 69-70).

AS REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS: LITERATURA E MULHER NO SÉCULO XIX

A obra *A ferro e fogo I: tempo de solidão*, possui uma narrativa dividida em três momentos, as quais intercalam-se entre si. Ora volta-se para a vida da família Schneider, a família dos imigrantes alemães; ora narra-se a família de Gründling e Sofia Spannenberger. Além desses, também aborda questões referentes às insurreições e indignações dos colonos para com o Império. Levando em consideração o espaço limitado para abordar todas as narrativas do livro que se referem as personagens femininas, serão apresentados os principais momentos onde são visualizadas as categorias selecionadas metodologicamente.

CATARINA KLUMPP SCHNEIDER: UMA MULHER DE CORAGEM

Saídos da Alemanha e destinados à feitoria do Linho Canhâmo, no Faxinal da Courita, hoje São Leopoldo, a família Schneider espera as promessas que foram dadas pela Corte. Por meio do não cumprimento dessas, Catarina e Daniel recebem uma proposta de Carlos Frederico Jacob Nicolau Cronhardt Gründling, um corrupto aliciador de colonos, junto às cortes, o qual ofertou um “plano de negócios, ideia de ganhar muito dinheiro” (*A ferro e fogo I*, p. 12). Dizia Gründling que ele e seu amigo o major Schaeffer precisavam de “um posteiro de confiança para receber mercadoria desembarcada da Banda Oriental” (*A ferro e fogo I*, p. 12).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Assim, depois de feita a proposta, Daniel a recusa, enfatizando o temor e os obstáculos pelo lugar desconhecido. No entanto, por não suportar mais à espera das promessas da Corte, Catarina é quem toma a decisão de aceitar a proposta de Gründling e no mesmo momento, ela diz: “pode mandar preparar o prometido, Herr Gründling. Nós vamos” (*A ferro e fogo I*, p. 15)

Grávida de Carlota, a segunda filha do casal, Catarina aceita a proposta do aliciador de colonos, pois pensa que nada poderá ser pior do que a situação em que se encontram. Nesse sentido, a primeira impressão de uma mulher decidida e forte, a qual sustentará mais adiante a base da estrutura familiar, é expressa nesse momento pelo autor.

A família inicia as construções de suas casas, erguem os galpões e começam o plantio para seu sustento. Há pouco tempo instalados nas terras, começam a chegar na localidade antigos amigos de Daniel Abrahão. Estes trazem carregamentos de armas em grandes quantidades. No entanto, Daniel e Catarina não haviam sido avisados por Gündling que as mercadorias levadas para suas terras seriam armas. Havia entrado em um negócio que mal conheciam. Os perigos com relação as mercadorias logo se iniciaram com a chegada dos castelhanos o que fez Catarina tomar mais uma decisão importante para salvar a pele do marido: escondê-lo dentro de um poço de água.

Os castelhanos descobriram as armas e questionavam Catarina e o índio Juanito, sobre suas procedências, se pertenciam as forças brasileiras, pois como vimos, a trama se passa a partir desse momento, durante a Guerra da Cisplatina. Os oficiais espalharam uma grande desordem pela casa, roubaram, comeram e ainda levaram algumas armas e munições das caixas nos galpões. Para além das arruaças que cometeram, Catarina foi violentada por um soldado enquanto buscava água no poço. A representação da personagem como uma mulher forte, persistente e corajosa, a qual é capaz de tudo suportar para defender sua família, é sinalizada em:

Ao tentar defender-se soltou a corda e ouviu o baque surdo do balde cheio lá embaixo. E se tivesse atingido a cabeça de Daniel Abrahão? Teria gritado se a enorme boca, úmida e grossa, não a estivesse sufocando; gritar terminaria por atrair para ali os escravos e o magote de soldados também. Seriam massacrados, inclusive as crianças. Seu vestido foi rasgado, grunhia apenas, que Daniel Abrahão poderia ouvir lá de baixo, talvez gritasse, eles descobririam o marido e o dependurariam naquele galho da figueira. Estava sendo atacada por um animal, seu corpete foi arrancado com violência, aquela boca asquerosa babando seu pescoço, os seios, mordendo os ombros com fúria.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Dobrou os joelhos, a cabeça rodando, agora só a dor nas costas nuas de encontro ao areião grosso do chão [...] (*A ferro e fogo I*, p. 35)

O medo e o nojo do estuprador, não deixaram que a protagonista se abalasse, muito pelo contrário, teria a deixado mais forte. A partir daquele acontecimento, ela teria lançado as bases do seu ódio contra Gründling, e também o impulso para seguir sua vida, onde destaca:

Soqueou em pensamento a figura imaginária, cortou-lhe o rosto com as unhas, como faria um gato ou tigre, arrancou-lhe os olhos, viu as suas órbitas vazias. Um ódio que nunca sentira em toda sua vida e que jamais imaginara pudesse ter. Pensou em Deus e pediu a Ele que a ajudasse a alimentar aquele ódio, dali para frente ele passaria a ser a razão de sua vida (*A ferro e fogo I*, p.36).

Logo após o primeiro estupro, Catarina fora violentada mais uma vez. Depois disso, a protagonista passa a assumir, mais ainda, as funções de protetora da família, doméstica, mãe e pai, juntamente com os trabalhos externos da “roça”. Daniel Abrahão ficara dentro do poço por quatro meses, e nesse período, enfurnado como um bicho, alimentando-se, dormindo e fazendo suas necessidades ali mesmo. Como já dito, Catarina assumindo todas as responsabilidades possíveis, fica conhecida como uma mulher “de faca na bota” (*A ferro e fogo I*, p. 156). Observa-se, portanto, que o autor não a reconhece como exercendo funções femininas, isto é, seu trabalho é trabalho de homem, e, portanto, não é reconhecido dentro de sua condição feminina. Nessa perspectiva, Catarina assume uma posição que não é, historicamente, o lugar de uma mulher, exacerbando os valores de uma sociedade conservadora, tanto a do século XIX, quando do período em que foi escrito, 1972.

Considerando os sofrimentos vivenciados em sua terra, Catarina faz um acordo com um soldado que ficará seu amigo, os quais trocaram suas propriedades. A família Schneider iria retomar à São Leopoldo, morariam na casa que o mesmo residira, até então. Ao chegarem na casa, Catarina diz ao marido: “A casa é pequena” (*A ferro e fogo I*, p. 118). Logo ele lhe responde: “Fomos logrados por aquele vagabundo” (*A ferro e fogo I*, p. 118). Catarina, lhe diz que Oesterich nunca havia prometido uma casa grande, mas que tudo poderia ser construído a partir dali. Daniel, mostra descontentamento e salienta que precisam de dinheiro para tal. Numa posição de domínio da situação e já acostumada por

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ter de “segurar as rédeas”, Catarina exprime: “Deixa isso comigo” (*A ferro e fogo I*, p. 119).

Organizando a nova morada, Catarina percebe que o Daniel Abrahão com quem havia se casado, não era mais o mesmo. Desse modo, ela teria que se virar para poder dar maior comodidade para sua família. Encontrando Isais Noll, um velho conhecido do povoado, Catarina faz uma proposta de entrar como sócia em seu negócio de fabricar carroças “os Schneider entrariam com o material e com os galpões” (*A ferro e fogo I*, p. 121). Daniel trabalharia também, pois entendia da coisa. Carregando consigo Juanito, a personagem “iniciou seus primeiros contatos com seus amigos nas colônias ao pé da serra. Queria comprar sua produção para vende-la em Porto Alegre e Rio Grande” (*A ferro e fogo I*, p. 121). Em seus primeiros diálogos de negócios, Catarina descobre que a maioria das pessoas vendem suas produções para Gründling, o qual possui um empório. No entanto, ela busca -lhe confrontar, pois não pensava em ficar para trás:

Dessas viagens, Catarina regressava quase sempre noite fechada, muitas vezes tendo de descobrir caminhos, perdendo-se nos atalhos, mas chegando em casa com novas perspectivas de negócios, novas esperanças. Mandou construir outro galpão, desta vez mais bem-acabado: queria instalar nele o novo empório da praça São Leopoldo (*A ferro e fogo I*, p. 122).

Ao criar uma personagem que representa a força da mulher sulina mediante a tantas dificuldades, Josué Guimarães nos apresenta através de Catarina, como o contexto histórico do século XIX concebia os trabalhos das primeiras imigrantes alemães que aqui chegaram. Para Del priori (2004, p. 241), no início da colonização no Rio Grande do Sul, havia um grande desequilíbrio entre os sexos, fazendo com que as mulheres tivessem de participar de atividades agrícolas. Esse modo de trabalho, no entanto, extrapolava os limites que eram definidos para o seu sexo. Algum tempo depois, essa maneira de gerir os trabalhos começou a ser criticada, atribuindo às mulheres, a exclusividade dos trabalhos domésticos, de mãe e dona de casa, e questionando sua participação em outros setores.

A personagem Catarina, durante toda a narrativa, lidera outras funções para além da casa, por duas motivações aparentes: a primeira porque sendo dona de uma personalidade forte, ela não permite se submeter às ordens de ninguém, nem mesmo de seu marido, que deveria ser tradicionalmente a regra; a segunda, porque Daniel Abrahão

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nunca foi de se arriscar com propostas e depois impossibilitou-se pelo tempo em que passou no poço de pensar nas questões familiares. Del priori (2004), afirma que as delimitações de papéis de homens e de mulheres, só foram claramente definidos quando os colonos acumularam mais riquezas. No caso de Catarina, isso não foi definido, nem quando as condições de vida melhoraram.

SOFIA SPANNENBERGER: UMA DONZELA TRANCAFIADA

Seguindo para a outra extremidade da narrativa, é em Sofia Spannenberger que se tornará ao longo da história, a esposa de Gründling, personagem em que o autor expressa situações de conservadorismo e dominação masculina diante da figura feminina, colocando-a sobre as amarras do marido, não conseguindo se impor como um sujeito ativo, com vontades e desejos para além daquilo que o marido concebe como sendo o melhor para ela. Sua primeira aparição no romance, é expressa quando “fora largada na Rua do Passo, no centro de São Leopoldo, por alguém que pouca gente vira. Uma testemunha afirmava que o homem tinha cara de índio ou de castelhano” (*A ferro e fogo I*, p. 65). Assim, sob os cuidados do médico Hillebrand, e hospedada na casa de Frau Gerda, a qual aparece somente nesse momento da narrativa, a história do passado de Sofia fora relatada pelo médico à Gründling, e este, impressionado com a tristeza do médico, resolveu levar a menina junto de si para Porto Alegre e responsabilizar-se pela mesma.

A primeira referência a uma situação representando o conservadorismo da sociedade em que estão inseridos, somado aos sentimentos de posse, obrigatoriedade de submissão perante a autoridade masculina, bem como, o ordenamento a obediência, ficam evidentes quando Gründling descobre que sua escrava leva a menina para passear pela cidade:

Não quero mais que você saia sozinha com Mariana. Se tiver que sair, sairá comigo. Esta cidade anda cheia de vagabundos e andarilhos, índios e malfeitores. Espero que esta tenha sido a primeira e a última vez que isto aconteça. Não estou cuidando de você para que sirva de motivo para falatórios e cochichos de porta de botica- levantou-se e passou para uma cadeira de braços, a preferida de Schaeffer quando estivera em Porto Alegre. Coma o doce e venha sentar-se aqui perto. Estou falando para o seu bem (*A ferro e fogo I*, p. 85).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Situações parecidas como esta, são evidenciadas ao decorrer da narrativa. Observa-se, portanto, um desejo de que Sofia seja “sua”, a intensidade é percebida quando os dois personagens deixam se levar pela atração, momento em que se observa o estereótipo de fragilidade e doçura, relegados/permitidos somente à mulher, e a dominação/conquista, reservado ao homem:

[...] noite de fúrias e de avalanchas, de ais e suspiros, doçuras e crueldades, de posse e de conquista, de macho brutal dominando a frágil presa, a fêmea objeto e arma, dócil e irascível, noite de esgotamento e morte. O temor de que chegasse à madrugada, em cada cantar de galo um aviso. Até o fim de seus dias, quando mergulhava na solidão, a noite de Sofia se entregando vinha à tona, o seu perfume, o cheiro de carne em cio, o gosto de sua boca, os cabelos soltos desenhando arabescos no lençol impecável; sempre nos seus ouvidos a voz de menina-mulher, o desespero da entrega alucinada entre quatro paredes, a sua reafirmação de guerreiro imbatível, o desespero da entrega alucinada entre quatro paredes, a sua reafirmação de guerreiro imbatível, o desprezo pelo raiar do dia, pelo passar das horas, por tudo aquilo que estivesse acontecendo no mundo. [...] (*A ferro e fogo I*, p. 97).

Posterior a proximidade das relações entre os personagens, Gründling toma a decisão de casar-se com Sofia, almejando constituir família. Dentro do imenso casarão, a menina-mulher não tinha grandes preocupações, pois obtinha os serviços das escravas. Contudo, a interiorização dentro da casa, torna-se cada vez mais intensa, pois além de ser proibida de sair às ruas sozinha ou acompanhada das escravas, via o sol somente perto das imensas janelas de vidro. Evidenciando o desejo de sair, fala para o marido: “Sinto-me tão branca, tão sem cor. Um pouco de sol...” (*A ferro e fogo I*, p. 183). De imediato, sem deixar a esposa terminar de falar, Gründling impõe-se:

Não. Tua pele não foi feita para o sol- Passando uma das mãos de Sofia no rosto. Seria um crime. Gosto de ti assim como és. Junta as mãos assim, detesto essas peles escuras, pardas, ásperas, o que acontece com tudo que anda ao sol. Vês as minhas mãos? Repara a diferença. Basta já o que existe além da nossa porta: lixo, água estagnada nas valas, negros e mestiços, ciganos, cheiro de graxa, fedor de peixe velho (*A ferro e fogo I*, p. 183).

Para além das tomadas de decisões provenientes das imposições do marido e da situação passiva da menina-mulher, percebe-se tanto na fala anterior, como em outros momentos, o estereótipo do belo e um medo de destruição da beleza na esposa. Essas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

preferências ficam evidentes quando, Sofia grávida do primeiro filho é observada pelo marido, expostas no trecho:

Você fica engraçada assim nua, com a barriguinha esticada como um tambor. Como será que a pele é feita? Parece de borracha, a natureza é sábia. Quero ver quando o guri sair daí, se a pele volta a ser o que era. Há mulheres que isso não acontece, elas ficam, depois dos filhos, com a barriga cheia de rugas e pregas (*A ferro e fogo I*, p. 117).

Ao observar atentamente esse fragmento, percebe-se nas entrelinhas uma obrigação/responsabilidade, relegadas às mulheres para que sempre ficassem bonitas, conforme os padrões que determinado contexto histórico e social lhes exigia. Não obstante, aplicando tais compromissos para com as mulheres, percebe-se a existência de uma divisão daquilo que é próprio do homem e próprio da mulher, elucidado no que afirma Mary Del Priori (2014, p. 72), “ele, o sexo forte, ela, o fraco; ele, o sexo nobre, ela, o belo”. O estereótipo de beleza, refletia-se nos pressupostos que ancoravam a sociedade conservadora do período, colocando a mulher em um patamar de fragilidade e submissão e o homem como dono do sexo dominante.

As características dadas às mulheres por Josué Guimarães, dizem respeito a importância que a aparência carregava, naquele século XIX, apontada por Mary Del Priori (2014, p. 73), como sendo a: “aparência desejável e sedutora era fundamental”. Para a autora, “Uma mulher tinha que ter pés minúsculos, seu cabelo tinha de ser longo e abundante, preso a penteados elaboradíssimos” (DEL PRIORI, 201, p. 72). Desse modo, Sofia Spannenberger, na condição de esposa de Herr Gründling, enquadra-se no padrão de donzela requintada. Seu marido, lhe enchia de joias, vestidos, chapéus e calçados caríssimos e importados. Aos olhos de um sociólogo pernambucano, mesmo que direcionando sua observação para o Rio de Janeiro, aplica-se no Rio Grande do Sul. O ato de um homem dar presentes em demasia para sua esposa, significava que:

[...] ele a trata como criança mimada, trazendo-lhe vestidos, joias e enfeites de toda a espécie; mas essa mulher não é por ele associada nem aos seus negócios, nem às suas preocupações, nem aos seus pensamentos. É uma boneca, que ele enfeita eventualmente e que, na realidade, não passa da primeira escrava da casa [...] (DEL PRIORI, 2014, p. 73).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Se comparássemos todas as narrativas do livro com a citação acima, de fato, se concluiria que Sofia era concebida por Gründling como uma boneca. Nela, ele faz uma projeção de um objeto que é seu, e estando sobre seu teto e dele dependendo, não deve ter escolhas próprias, característica do conservadorismo presente. Desse modo, também se enquadra como escrava, mas com menos liberdade que esta, pois a escrava Mariana ainda podia frequentar as feiras e ruas, Sofia não. Em síntese, os comportamentos e desejos censurados, dizem respeito à própria época que pertenciam, os papéis assumidos por mulheres deveriam ser esses, era a regra geral.

PROSTITUIÇÃO: ENTRE O CONSERVADORISMO E A REBELDIA

Dentro do contexto histórico que é o Rio Grande do Sul do século XIX, a obra *A ferro e fogo I*, trata de fazer as representações acerca dos cabarés e das prostitutas em Porto Alegre. Dominando algumas páginas na narrativa, permite-se mostrar ao leitor a interação e a relevância que esses elementos possuíam no período.

Para representar as dinâmicas sociais, bem como a importância dos cabarés, ressalta-se por meio do personagem Herr Gründling, constante frequentador do cabaré de Izabela, as relações que os homens de negócio, isto é, os endinheirados, mantinham com a prostituição das cidades. A partir da narrativa de Josué Guimarães, constatou-se que os frequentadores desses locais além de homens de grandes posses como Herr Gründling e o major Schaeffer (cliente do cabaré de Izabela quando vinha para Porto Alegre), estavam soldados de alta e média patente, além de inspetores de colonização.

Traduzindo-se não só como um local destinado às múltiplas formas de prazer, no cabaré de dona Izabela, comemoravam-se aniversários, vitórias de guerras, nascimento de filhos e até mesmo a antecedência ao matrimônio. Mary Del Priori (2014, p. 85), apresenta o estudo do médico Dr. Lassance Cunha, intitulado “A prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro (1845)”, o qual classifica três tipos de meretrizes: as aristocráticas ou de sobrado, as de “sobradinho” ou de rótula, e as da escória. As primeiras, foram classificadas pelo médico como as de instalações bonitas, casas forradas de reposteiros e cortina, espelhos e o indefectível piano, símbolo burguês do negócio. Trazendo essa classificação do médico para próximo do livro que está sendo discutido, enquadra-se a primeira interpretação para o salão de Izabela em Porto Alegre, pois além

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de possuir frequentadores endinheirados, cita-se a boa música ali presente, comandada pelo cego Jacob tocando seu piano, apreciada pelos clientes.

As mulheres adotando a prostituição como profissão, eram vistas pelos homens que as procuravam, como sinônimo de erotismo e prazer, sensações que só poderiam ser sentidas com essas mulheres “perdidas”, nas palavras de Del Priori (2014, p.84). A prostituição, desse modo, entendida como uma prática de negociação consciente do próprio corpo por dinheiro ou materialidade, era exercida, no século XIX nos meios urbanos do Brasil, por mulheres imigrantes que chegavam sem trabalho, e encontravam uma fácil oportunidade de conseguir dinheiro, e também por mulatas e mucamas.

No livro *A ferro e fogo I*, Josué Guimarães, caracteriza sucintamente a aliciadora Izabela, a paraguaia dona de seu próprio negócio. As demais prostitutas do salão, são citadas algumas vezes por nomes, mas não possuem características específicas. No jantar de seu casamento, Herr Gründling convida Izabela, e a apresenta ao padre, dizendo: “Izabela Silveira, da família dos Silveiras de Viamão, gente da terra” (*A ferro e fogo I*, p. 110). Pode-se dizer, que as prostitutas mesmo que por necessidades de suas profissões, inseriam-se no conservadorismo social, e se submetiam às exigências de seus clientes, porém, de mesmo modo, elas significavam rebeldia, pois não se encaixavam no modelo tradicional da família sulina conservadora; bem como, não dependiam de dinheiro de seus maridos, mas sim, tiravam dinheiro dos homens para sobreviverem. Além disso, a prostituta, mesmo que “associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato, desde os tempos da Colônia, o retrato colaborava para estigmatizar como venal tudo o que a sexualidade feminina tivesse de livre” (DEL PRIORI, 2014, p. 89).

Nesse sentido, a busca de prazer, acabava envolvendo as mulheres do sexo, no mundo dos negócios que estava tradicionalmente ligado aos homens, pois como já dito antes, os cabarés eram procurados por diversos motivos. Assim, encurtando as distâncias entre o que significava o mundo masculino e o feminino, a prostituição, especificamente no salão de Izabela, significava um rompimento da idealização de mulher frágil, inocente e, principalmente, submissa na sociedade sulina do Rio Grande do Sul, no século XIX.

UMA PROFISSÃO RESERVADA À MULHER: O PARTO

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A profissão de parteira, historicamente, fora associada como pertencente ao ambiente doméstico, e por isso, reservada às mulheres. As parteiras, eram sujeitos dotadas de responsabilidades, pois além de cuidar do parto, “na maioria das vezes, cuidavam também da saúde da mulher, do pré-natal e puerpério, das doenças femininas, dos aconselhamentos e orientações quanto à fertilidade, assim como dos cuidados com o recém-nascido” (FIGUERÔA; PALHARINI, 2018, p. 104). Como a presença de médicos para resolver questões relacionadas à maternidade, não se constituíam como comuns:

Desprovidas dos recursos da medicina para combater as doenças cotidianas, as mulheres recorriam a curas informais, perpetrando assim uma subversão: em vez dos médicos, eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e ancestrais, resgatavam à saúde (DEL PRIORI, 2011, p. 75).

Em sua narrativa, Josué Guimarães insere às parteiras Frau Apolinária “parteira” (*A ferro e fogo I*, p. 196) e Frau Hortênsia Linck, caracterizada como uma “velha parteira das famílias endinheiradas” (*A ferro e fogo I*, p. 123), constituindo-se como o único momento onde há referência a elas. As duas parteiras aparecem na ficção, respectivamente, quando do nascimento de João Jorge, filho de Catarina e Daniel Abrahão, e de Albino, filho de Sofia e Gründling. Entretanto, as duas parteiras, embora inseridas em uma sociedade conservadora, situam-se como protagonistas de um papel histórico, que nenhum homem até aquele momento era capaz de fazer ou lhes tirar. Quando as mulheres estavam parindo, não medindo distâncias, as parteiras percorriam o caminho a pé ou a cavalo para que pudessem atender as parturientes, o que fica comprovado no trecho: “A chuva havia passado, disse que não queria a companhia de ninguém, Emanuel que ficasse ali, iria embora sozinha, isso fazia parte da sua profissão, estava acostumada” (*A ferro e fogo I*, p. 197).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se aqui mostrar um pouco sobre a dimensão significativa existente com relação as representações literárias, no que tange a permissão das mesmas para a compreensão de valores e características de contextos, definidos pelo tempo e pelo espaço. As representações que a literatura cria, abarca uma visão diferente do ponto de vista histórico. Enquanto a Literatura resgata sujeitos e contextos históricos,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

transformando-os em uma história ficcional contemplando alguns elementos que existiram, a História produz uma narrativa concentrada nas fontes de pesquisa, situando o narrador a um compromisso com o relato, não o permitindo fantasiar determinada história. A Literatura, assim, produz uma história com novas perspectivas, fornecendo uma renovação na interpretação de determinados contextos, que por vezes encontram-se fartos diante da narrativa histórica.

Através das personagens criadas pelo autor, as imigrantes, as escravas, as índias, as mulheres da elite, as parteiras e as prostitutas, possibilitou-se tecer a construção da sociedade sulina no século XIX, tendo destaque para as diferenças entre a vida urbana e rural. As representações sociais femininas, foram edificadas no livro pelas profissões e personalidades que detinham. Por esse ângulo, observou-se que as mulheres desse período, estavam inseridas em uma sociedade extremamente conservadora, a qual legitimava uma estrutura familiar baseada em lugares e tarefas definidas para o homem e para a mulher. Além disso, pregava-se a submissão feminina às ordens da figura masculina, bem identificada na relação de Gründling e sua esposa Sofia.

Para além das demonstrações do conservadorismo existente na época, Josué Guimarães ressaltou sua perspectiva para as mulheres que não aceitavam viver na condição que lhes era imposta. Nesse caso, a personagem Catarina é a representação principal desse desafio. A imigrante que exerceu desde o início da narrativa um lugar reservado aos homens. Corajosa, decidida e persistente, Catarina nunca se submeteu a figura do marido, mas o contrário.

A prostituição, assim como a personagem acima, também se referiu a uma forma de rebeldia diante dos regimentos conservadores. Mesmo que as prostitutas tivessem de se submeter às ordens masculinas no momento do trabalho, elas não necessitavam da submissão financeira, a qual a maioria das mulheres estavam sujeitas. Além disso, elas não se enquadravam na estrutura familiar observada. Livres e donas de seus corpos, elas podiam ter quantos homens quisessem, invertendo aquilo que era reservado as figuras masculinas e, sobretudo, naturalizado.

Cabe destacar ainda, a importância das parteiras. Uma profissão, exercida, principalmente nas localidades de interiores e de longas distâncias, por mulheres. Essas, possuíam a responsabilidade da vida e da morte, não importando as condições climáticas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que reservavam seus serviços. As parteiras mesmo que poucas vezes citadas, ganharam na narrativa de Josué Guimarães, grande relevância, manifestando a autonomia feminina na representação de um trabalho que só posteriormente foi transferido aos homens (médicos).

Desse modo, a discussão e a ampliação de estudos sobre a formação da sociedade sul-rio-grandense, mostram-se necessárias para a compreensão da formação dessa região. Em parte, muitos elementos ainda se fazem presentes na atualidade do Rio Grande do Sul, evidenciadas pelo conservadorismo, imposição às mulheres ao ambiente doméstico, preconceitos diante das diversidades das composições familiares (principalmente homoafetivas), mesmo que ressaltando suas dimensões. A procura por respostas, deu lugar apenas a considerações parciais, abrindo um leque de possibilidades para maiores investigações, a exemplificar, uma análise do segundo livro (*A ferro e fogo II: tempo de guerra*) da trilogia inacabada de Josué Guimarães. Nesse sentido, a interdisciplinaridade entre História e Literatura, podem contribuir para uma análise inédita da temática, de um período histórico mais adiante.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa em ciências humanas e sociais. In: CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 19-32.

DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. (Orgs). **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 9-46.

DEL PRIORI, Mary. **Histórias Íntimas**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014, p. 13-101.

_____. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 66-97.

FIGUERÔA, Silvia Fernanda de Mendonça; PALHARINI, Luciana Aparecida. Gênero, história e medicalização do parto: a exposição “Mulheres e práticas de saúde”. *História, Ciência, Saúde*. Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1039-1061, out/dez. 2018.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 244-267.

GUIMARÃES, Josué. **A ferro e fogo I: tempo de solidão**. 15. ed. Porto Alegre: L&PM, 2006.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

KUNZ, Marinês Andrea; WEBER, Roswithia. O movimento Mucker e suas relações com a igreja católica e a protestante. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 4, n. 8, dez. 2012.

MAKOWIECKY, Sandra. Representação: a palavra, a idéia, a coisa. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. Florianópolis, n. 57, dez. 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações: uma trajetória. **Revista Anos 90**. Porto Alegre, UFRGS, v. 13, n. 23-24, 2006.

_____. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.